

Museu do Sangue lembra massacre da Estrutural

01 ABR 2000

JORNAL DE BRASÍLIA

Museu do Sangue. Rua do Calvário, 15, Invasão da Estrutural, Distrito Federal. Desde ontem à tarde, quando foi inaugurado, este o endereço onde qualquer cidadão brasileiro pode ver fotografias e até mesmo ouvir depoimentos das famílias das vítimas de um dos maiores massacres já ocorridos na capital da República. Três pessoas foram executadas a tiros durante a Operação Tornado, desencadeada pela Polícia Militar, em 1998.

As operações policiais militares só foram reduzidas depois de uma liminar do titular da 3ª Vara da Fazenda Pública do DF, juiz Jansem Filho de Almeida, que proibiu qualquer ato de demolição por parte do governo do PT na Estrutural. Só que a paz dos moradores não demorou muito.

Na noite do dia 8 de agosto de 1.998, usando o pretexto de uma operação de desarmamento, a Polícia Militar e homens encapuzados tomaram a invasão de assalto, arrebentando portas de barracos, espancando moradores, atirando e deixando um rastro de sangue que jamais será esquecido pelos moradores da invasão. As investigações da 3ª DP (Cruzeiro) apontam para a participação de policiais.

A invasão da Polícia Militar só veio a público graças a uma filmagem feita pela TV Globo de uma reunião de mais de 100 homens, no Jockey Clube de Brasília, que iriam desencadear a "Operação Tornado". Uma das primeiras mortes foi a de

Luciano Iris de Aquino, guardador de automóveis, pai de uma criança e cuja mulher estava no quarto mês de gravidez. Ele foi executado com vários tiros na cabeça ao lado de sua casa na Estrutural. O seu corpo só foi encontrado cinco dias depois em uma vala nas proximidades da invasão. Já Milton de Sá foi seqüestrado por policiais à paisana e levado para o quilômetro 48 da BR-020, em Planaltina. Milton foi executado com quatro tiros na cabeça e uma em cada mão.

Outro que também deveria ter sido executado naquela noite de horror era Roberto José dos Reis Filho, o Azulão, que levou dois tiros no pescoço e só escapou de seus algozes porque se fingiu de morto. Antes de ser alvejado, Roberto ouviu de um dos policiais a paisana o veredito de morte:

- Você me conhece?
- Eu sou o diabo, o cão, a morte. Por isso, faça uma cruz, reze e dê quatro passos porque você não vai mais voltar para o Rio de Janeiro.

Após ouvir a sua sentença de morte, Roberto desmaiou com os tiros que recebeu. Quando recobrou os sentidos, levantou-se, andou alguns minutos dentro do mato tentando encontrar alguém para pedir socorro. Só que terminou desmaiando novamente. Quando acordou já estava no hospital.

JAIRO VIANA

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA